

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)  
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

## PRIMEIRA VERSÃO

ANO III, Nº158 - AGOSTO - PORTO VELHO, 2004  
VOLUME X

ISSN 1517-5421

EDITOR  
**NILSON SANTOS**

### CONSELHO EDITORIAL

**ALBERTO LINS CALDAS** - História - UFRO  
**CLODOMIR S. DE MORAIS** - Sociologia - IATTERMUND  
**ARTUR MORETTI** - Física - UFRO  
**CELSO FERRAREZI** - Letras - UFRO  
**HEINZ DIETER HEIDEMANN** - Geografia - USP  
**JOSÉ C. SEBE BOM MEIHY** - História - USP  
**MARIO COZZUOL** - Biologia - UFRO  
**MIGUEL NENEVÉ** - Letras - UFRO  
**ROMUALDO DIAS** - Educação - UNICAMP  
**VALDEMIR MIOTELLO** - Filosofia - UFSC

Os textos no mínimo 3 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows" deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775  
CEP: 78.900-970  
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 200 EXEMPLARES

EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

# PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

*lathé biosa*

**158**



FLÁVIO DUTKA

## BOI DE MAMÃO

Renata Ferraz



**Renata Ferraz**

Professora de Psiquiatria - FMUSP  
tata@correio.com

**BOI DE MAMÃO**

Eu quero falar sobre a experiência de ser pequeno, de ser criança, num mundo que ampara e acolhe com amor essa fragilidade. Essa fala vem ancorada na brincadeira tão alegre do Boi de Mamão, como é chamada a manifestação do Boi no Sul do país, especialmente em Santa Catarina, onde é vivida predominantemente por idosos e crianças, numa atmosfera de troca e respeito.

Eu mesmo tive a vivência de, durante vários anos da infância, passar as férias numa praia nos arredores de Florianópolis, e assim ter contato com o Boi em festas que se dão tipicamente entre janeiro e fevereiro. Era fascinante! Uma beleza enxergar o sagrado da relação velho-criança vivido em sinergia, respeito, tolerância e cumplicidade.

Era uma procissão muito simples, mas absolutamente suntuosa aos meus olhos de criança, que ia de casa em casa apresentar a cantoria, a dança, a representação do auto do boi. Chegava um mundaréu de criançada de pés no chão, muitos filhos de pescadores, loirinhos de olhos claros e vivos, muito pobres em matéria, mas carregando a riqueza do saber brincar, saber as músicas, participar do grande enredo de morte e ressurreição. Parecia que brincavam com muita sabedoria e propriedade. A procissão de velinhos nos instrumentos e as crianças ao redor chegava batendo palmas ao pé da janela das casas e começava:

“Seu dono da casa  
Vim aqui pedir licença  
Para meu boi dançar  
Na sua presença.”

E daí se desenrolava um universo de personagens, os velhos cantadores com pandeiro, sanfona, triângulo, tambores, cavaquinho, as crianças brincando com o boi, num misto de risadas de excitação e medo perante o universo mágico e surpreendente em que se viam envolvidas.

O que me chamava à atenção, hoje pensando, era a possibilidade do pequeno, ao invés de ser vivido como fraco, insuficiente, débil, à mercê das coisas, ser experimentado como a fantástica maravilha de estar diante da enormidade do mundo, quando se é criança, sendo corajosamente frágil e vulnerável, mas amparado na retaguarda com o suporte e a validação da tradição, da autoridade, da segurança do já estabelecido.

Minha idéia inicial – e por isso o título “Psiquiatria e a Mítica da Ressurreição” – era fazer desse embate velho-novo uma reflexão acerca da vivência do sintoma psiquiátrico como a imperiosa necessidade da morte da antiga ordem de consciência na busca de uma nova. Aqui estaria a morte e a ressurreição desse

boi, numa percepção do quanto a desorganização que o sintoma traz gera um caminho de transformação que não pode ser rechaçado nós. Uns dizem: “segura o boi!”. Mas o boi precisa dançar solto. Percebo o quanto por exemplo na síndrome do pânico o ser é impelido a reeditar a morte e a loucura, e precisa lançar mão de forças instintivas para se reerguer num novo modo de existência onde é conclamado a lidar com a fragilidade de forma integrada. Aceitar a morte do controle, da garantia, é poder dançar como criança no meio dos animais que vêm atizar o boi para que reviva sob forças sobrenaturais. Resgate da animalidade, do componente instintivo da psique, trata-se de patologia que nos convida a lidar com o inesperado e aceitar a vastidão de sensações que a carne nos traz, numa busca da totalidade. Aqui, morrer é a possibilidade de estar vivo. Pânico que conclama ao horror e à maravilha de estar vivo, manifesta-se como o resgate da paixão – morte e ressurreição de Cristo. Diz Fernando Pessoa: “Só a loucura incompreendida leva avante para os Céus”.

Preciso confessar, no entanto, que o preparo dessas palavras foi me enfeitando mais para os confins da cultura sulista do que da clínica psiquiátrica, de modo que peço para que conservem na verdade essa idéia de pano-de-fundo de minha reflexão, à medida em que em primeiro plano falarei um pouco mais desse embate Puer-Senex no Boi-de-Mamão.

Então é isso. Seu dono da casa, vou pedir licença pra uma fala que, espero, seja muito simples e talvez se afaste um tanto da clínica psiquiátrica, embora conserve esse broto. Minha esperança é de que tenha a simplicidade com alma que eu enxergava naquela festa e quero continuar enxergando no mundo hoje e a cada dia. Tem uma imagem que me acompanhou na gestação dessa fala, e eu os convido a participar dela: é a deliciosa sensação de ser carregado no alto para conseguir enxergar de uma altura privilegiada mas conservando a pureza dos olhos infantis. A idéia é essa. Carregar e elevar a criança explorando algumas nuances regionais do Boi de Mamão com a finalidade da busca dessa vivência de contato grande-pequeno, forte-fraco, senil-infantil, vivido-a viver, passado-futuro, tradição-espontaneidade, e etc.

O nome Boi de Mamão tem pelo menos duas versões. A primeira, mais concreta, justificada pelo fato de que fazia-se miniaturas do boi numa construção de bambu onde era colocado um mamão verde como cabeça do animal, e uns palitinhos como chifres. A outra versão, de maior riqueza simbólica, fala do Mamão como “aquele que mama”. Na minha pesquisa encontrei folcloristas e brincantes que explicavam essa versão de diferentes formas. Ora Boi-Mamão era o próprio terneiro separado precocemente da vaca para que ela mantivesse a produção do leite por mais tempo, de sorte que o bozinho passava muito rapidamente da amamentação para o pasto, e por isso tinha dores de barriga terríveis. O interessante é que nesse caso o ritual dos homens do campo era instigar o animalzinho para que pulasse, corresse, para curar-se do mal -- e ao mesmo tempo chamava-se um curandeiro que benzia o boi para ele sarar. Esse mesmo ritual está presente na brincadeira de cutucar, atizar o boneco do boi para que se movimente, pule, dê pinotes, à medida em que é benzido para reviver. Numa outra vertente, encontrei a explicação de que os fazendeiros disponibilizavam os bozinhos jovens para brincar com a criançada, e como era ainda um bichicho em aleitamento materno, era chamado de Boi Mamão. Seria, assim, uma brincadeira entre filhotes, de alguma forma ainda dependentes, com “dentes de leite”, atados à mãe e por isso a tão grande importância da integração da simbologia do crescer.

Ainda assim, esses “filhotes” pouco têm de indefesos. E nisso eu pego carona com Santo Agostinho, que considera: “Daqui se segue que o que é inocente na criança é a debilidade dos órgãos infantis, mas nunca da alma”. Não é difícil constatar o quanto um bebezinho nada deixa a dever na experiência da paixão, ou da profunda falta como fome, frio, ou dos estados de plenitude e graça máxima que a gente experimenta como ser humano. Essa sensação de por um instante estar plenamente preenchido, alimentado, completo, em perfeita comunhão com o meio e com o mundo.

Assim, o Boi de Mamão traz em seu colorido subliminar essas vivências matriarcais: estar mamando, ser desmamado, pular para curar-se (eu gosto muito duma frase do Guimarães Rosa em que ele afirma que “sapo pula não é por boniteza, mas sim por percisão”), morrer, renascer com o sopro de vida da dança e da música – grandes referências ao tempo e a corporeidade, ao estar encarnado. Também na clínica a gente observa essa obstinação por crescer e adquirir a capacidade de independência, muitas vezes em movimentos de regresso à dependência de outros para depois partir para o vigor e a autonomia de quem supera um obstáculo e pode estar forte no mundo.

O Boi de Mamão é uma brincadeira de uma simplicidade complexa. Um misto de música, dança, cantoria, encenação da vida e da morte do personagem-boi vivido como diálogo entre brincantes e espectadores, que o tempo todo interferem, interagem, e vão aglutinando novas referências à tradição. Tudo numa atmosfera de não violência e profundo respeito pela coletividade. Festa de rua que acontece na dimensão do coração, no âmago do sentimento de congregar, ser parte de um todo maior, e por isso convidando à experiência paradoxal do pequeno que se faz grande.

Os dois personagens que também permanecem ao longo de toda a encenação, além do próprio boneco do boi, são o Mateus e o Vaqueiro. Um desafia o boi, faz investidas nele, e o outro cuida, protege, alternativamente. O interessante é como não interagem propriamente um com o outro, mas indiretamente entre si através do boi. Parecem na verdade duas manifestações polares do mesmo símbolo, que é o do cuidador, do educador, ou até do analista, daquele que possibilita que o Mamão cresça, e por isso sucessivamente morra e renasça ao longo dos aprendizados que a vida oferece, ou às vezes, seria mais apropriado dizer: que a vida impõe. Vejo nesses personagens do Vaqueiro e do Mateus ao mesmo tempo um profundo respeito pela força instintiva do boi, e também a coragem de suscita-lo, provoca-lo, instiga-lo a mover-se em direção à morte e à vida. É a bravura dentro da ética de respeito do oponente a ponto de não se vangloriar. Eu respeito a luta, então embora saiba do tamanho da minha força, respeito também a força do outro. Percebendo a morte do boi, Mateus chama o doutor da gente, o curandeiro, mas é, em última instância, através de sua fé e de sua confiança que o boi é capaz de reviver por forças sobrenaturais. Representa o elemento amoroso de acreditar na vida e na capacidade de reorganização da natureza. Muitas vezes como analistas vemo-nos nessa posição de Mateus, de conclamar diferentes formas de crescimento e cura dentro e fora de nossos clientes, e também fortemente constelando em nossos corações a confiança na reestruturação do Self numa nova integridade de vida.

Eu estive há cerca de um mês em Florianópolis, e conversei com um garoto de oito anos que tinha participado de uma grande apresentação do Boi de Mamão numa feira de comercialização de ostras, na Ilha, e tinha representado o personagem do Mateus. De nome Francisco, agora o garoto era conhecido como

Mateusinho, o que fazia com que se crescesse todo. Ele estava se sentindo importantíssimo de ser entrevistado por mim, e contou com uma comoção de falar direto mal respirando, as veinhas pulando no pescoço, de como existe uma ordem de chamar com a cantoria primeiro o urubu, depois o cachorro, a cobra, o urso branco, o urso preto, a Maricota (que é uma personagem engraçada, uma mulher gigante com os braços de pano, enormes e desproporcionais, que giram e rodopiam e acertam as crianças da platéia), e depois chamar a Bernúncia (depois eu vou falar mais desse personagem interessantíssimo e exclusivo do Sul), e depois o cavalinho, que laça o boi e leva ele embora, despedindo-se do seu dono da casa, que amanhã a gente volta se Deus deixar. O brilho dos olhos do menino faiscava de paixão, e eu via o respeito à tradição e a sensação maravilhosa de fazer parte de um algo maior, um grupo, uma história, contando-me datas e dados da emigração açoriana para a Ilha me deixando meio tonta de informações e pensando: "ele é só um meninozinho, mas já sabe da importância do respeito à história, o quanto ela nos valida, nos dignifica, nos ampara, e por isso fala com essa propriedade de um pequeno sábio". O que ele não disse com palavras foi o que mais me impressionou. É esse orgulho de ser brasileiro, o deleite de ser ELE, com a SUA origem, com a SUA grandeza, e talvez sobretudo com a SUA pequenez é que eu sinto que deve ser buscado dentro e fora dos nossos consultórios, na criança e no velho que nos habita. Na narrativa do garoto, um claro sentimento de pertencimento que o Boi de Mamão imprime nas pessoas que o fazem. O menino trazia o coração estampado com a responsabilidade de acreditar na vida.

Pesquisar um pouco esses mitologemas foi uma verdadeira delícia, um sentimento de mergulhar no passado tentando encontrar palavras para uma mística lembrança do Boi de Mamão como um espaço de sociabilização de saberes, de dores, de alegrias, de resistências, de confiança, de combinações e de muitos ensaios. Tentei trazer um pouco do Boi de Mamão como uma construção de experiências educativas entre seres humanos de diferentes gerações, e acabei me lembrando do quanto essa vivência contribui para me fazer analista no sentido de crença na transformação constante da vida.

E nessa busca, me deparei com uma tese de mestrado realizada pela Universidade Federal de Santa Catarina, de um educador chamado Reonaldo Manoel Gonçalves, que versava sobre os velhos cantadores de Boi de Mamão. Composta de diversas entrevistas realizadas com até octogenários, o autor parte em busca dos cantadores como guardiões da tradição, falando sobre a importância da educação popular de um povo. Presta uma homenagem ao velho como guardião do tesouro espiritual da comunidade, e colhe depoimentos onde o Boi de Mamão, mais do que um produto, é vivido como um processo. O respeito com que trata as histórias colhidas demonstra o papel crucial da troca idoso-criança. Esses velhos cantadores confiam na jovialidade da criança para levar adiante a importante mítica de que tudo o que morre em nós, é reaproveitado e renasce transformado. Aceitar o envelhecimento, às vezes a impossibilidade de seguir cantando à frente, transforma-se no desafio da preparação de crianças que aprendam a cantoria, a confecção dos bonecos, a maneira de conduzir a festa e a brincadeira, e assim passar o bastão da magia. Viver essa troca com a esperança de perpetuação do folclore também é a manifestação da fé no vindouro.

Surpreende-me o quanto a participação nas festas de Boi de Mamão transforma-se numa experiência de identidade e amor-próprio. Uma demonstração que tive disso foi a experiência maluca de estar esperando um elevador que não chegava nunca, no Congresso de Psiquiatria que foi agora há cerca de um mês em Florianópolis, e puxar conversa com o segurança que estava do lado. Nada do elevador chegar, conversa vai, conversa vem, e eu tomo coragem pra perguntar se

ele sabe onde posso obter informações sobre o Boi de Mamão, que eu andava muito interessada nesse assunto. O segurança quase explodiu de júbilo: "Mas você está falando com a primeira bernuncinha da Ilha!!!", afirmou, soberbamente. Eu olhei num momento de hesitação. Vocês precisam na verdade imaginar esteticamente a cena de um homão forte, um verdadeiro armário, segurança de Centro de Convenções, trajado com seriedade e tendo uma conversa polida sobre coisa alguma de repente consagrando-se como "primeira bernuncinha", coisa que eu não tinha a menor idéia do que fosse. Desacreditada, eu fiz a cara mais normal que possivelmente poderia fazer e indaguei o que significava isso. Então ele começa a me contar quem é a Bernúncia. A Bernúncia é um boneco gigante, semelhante a um grande jacaré com uma boca enorme, ou até um dragão chinês, um bicho-papão. Ela engole crianças, e a cantiga conta: "a Bernúncia é bicho brabo, já comeu Mane João, come pão, come bolacha, come tudo o que lhe dão". Pesquisei a origem do termo, e qual não foi a minha surpresa ao perceber que vem na verdade da má compreensão do latim das consagrações de batismo, quando em um dado momento o sacerdote perguntava: "Abrenuncias Satanás?" e isso era uma indagação de se o fiel negava e se afastava do diabo. Abrenuncio, a resposta, ficou ligado semanticamente a coisas misteriosas das quais era preciso fugir e renunciar. Ao lado de expressões como te arrenego, ou ainda te esconjuro, Abrenuncias serve para intimidar o espírito do mal. Curiosamente, é o próprio mal que expurga o mal. Na fantasia do Abrenuncias ao lado de Satanás surge a imaginação do monstro feminino que engole crianças, mas que aparece como uma figura carnavalesca tragicômica que inspira curiosidade e medo: a Bernúncia. O monstro dança e rodopia ao lado do boi que jaz morto, indo e vindo para perto das crianças querendo instigar nelas medo e coragem. Voltando à história do segurança que encontrei, ele me conta em meio à alegria da lembrança, de quando nos idos dos anos setenta o grupo de Boi de Mamão que ele participava resolveu inovar e surpreender a platéia colocando escondido dentro da armação do boneco-bernúncia duas pessoas vestidas de bernuncinha, igualzinho ao monstro grande, e que ele, ainda criança, foi realmente engolido pela boca do dragão, despertando profunda surpresa na platéia. Logo depois, o Vaqueiro e o Mateus vão cada um de um lado da Bernúncia, um ao lado de sua cabeça, conversando e acalmando-a, e outro conduzindo um nervoso trabalho de parto de onde finalmente saem duas bernuncinhas, debaixo da armação pesada de compensado. Os três bichos saem então dançando juntos, e o povo acha graça pois tudo aquilo faz sentido. Engolir é engravidar. Intermediário entre os elementos terra e água, o crocodilo se agita na lama fecunda, devora e destrói, mas também cria. Dar à luz a esses monstros é trazer-los à consciência, juntar bem e mal. A Bernúncia é um bicho amado, faz parte do imaginário das crianças, desmistifica o ser engolido, a morte, e prenuncia a ressurreição do boi. Senhora dos mistérios da vida e da morte, grande iniciadora, símbolo de conhecimentos ocultos, a Bernúncia vem como uma consciência lunar que renova e procria. O elevador chegou, e eu fiquei grata por aquele pequeno encontro, lição de fazer amizade com os monstros que nos habitam. A experiência de ser engolido por um outro ser que não controlamos e que nos supera em força é, também, a experiência de adoecer e sair renascido. Baleia que engole e vomita Jonas transformado, a criança sai como herói triunfante do mundo dos inferos. Depois pude ver em diferentes livros a incorporação dessa tradição da Bernúncia grávida e parindo, mostrando o quanto a espontaneidade dessa variação encontrava eco no imaginário popular, e por isso foi reproduzida. A mandíbula que devora faz menção à morte iniciática que conduz à fecundidade, tal qual na vivência de um sintoma psíquico.

Esse monstro-dragão manifesta-se comumente na recusa de crescer, em algumas crianças que já têm a perspicácia de perceber que o ato de crescimento é, também, uma pequena morte. É a impossibilidade de ficar parado, de permanecer. A vida flui o tempo todo, e isso pode angustiar. Não são poucos os padecem das “dores de crescimento”. Atendi uma vez um garotinho de sete anos que recusava-se terminantemente a alfabetizar-se, embora estivesse óbvio que não tinha problemas de inteligência e compreensão do material escolar. Parecia-me muito maduro, já de alguma forma ciente do quanto o conhecimento nos faz cruelmente mais responsáveis pelos nossos atos. O saber pode ser visto como uma arma, como a tentativa de dominar e controlar a natureza. Esse menino não queria provar dessa árvore do conhecimento, não queria instrumentar-se ou crescer. Um dia, assustado, ele me contou que o pai o convidou a fazer uma marca no batente da porta de seu quarto com a sua altura, mostrando o quanto ele havia crescido desde a última vez. Na sua maneira de narrar o ocorrido, ficou claro para mim que ele não falava só do crescimento de sua estatura, mas sobretudo de sua existência. Era preciso prosseguir. Logo em seguida ele pede-me papel e lápis, e para minha surpresa, desenha um boi com um pano em seu lombo, igualzinho às festas do Bumba-meu-boi, muito embora não houvesse evidência – como depois pude confirmar com os pais – de um conhecimento dessa história. Mesmo sem entrar nesse mérito do conhecimento ou não, o encadeamento da narrativa com a transformação subsequente intriga. O boi flutuava no meio do papel, sem chão. Ainda espontaneamente, o garoto me conta uma história: “Era uma vez um boi grande que queria continuar mamando, daí queriam matar ele pra fazer churrasco. Ele prometeu que ia começar a comer capim e desistiram de furar ele. Ele não morreu e não mamou mais.” O garoto passou a participar mais da escola, e a alfabetização transcorreu livremente. Convencido de que era preciso prosseguir, a criança resigna-se a brotar, aceitando a morte imbutida na vida.

Em um livro que escreve como co-autor sobre a experiência de acompanhamento e registro de sonhos das crianças em uma pré-escola, Roberto Gambini fala do quanto é comum mesmo crianças de tenra idade manifestarem em seu imaginário onírico a mítica da morte e ressurreição. Eu uma vez atendi uma garotinha de cinco anos que chegou a uma declaração que colocou ordem na sua atordoada tentativa de compreender o que acontecia quando as pessoas morriam. Explicou-me, num ar professoral, que sempre ficava na dúvida pois alguns diziam que a avó tinha ido pro céu, outros, que ela tinha ido pro cemitério. Mas que agora estava tudo certo, ela tinha compreendido: “o morrido vai pro céu, e o morto, para o cemitério!”. Chegou, assim, a uma tranquilidade conceitual de ter cada coisa em seu lugar correto. Na apresentação de um grave sintoma mental, muitas vezes vemos isso acontecer não só com o paciente, mas com o meio social que o circunda. Envoltos no halo representado pelo sintoma, parte de nós mesmos se resigna à putrefação, é passado e precisa perecer, e outra ascende aos céus em renascimento. Curar-se é atingir uma forma totalmente nova e distinta da original, é transformar-se. Como profissionais de cuidado dessas almas, muitas vezes cabe-nos o papel de estar ao lado nesse processo de redescobrimto da própria luz. A criança dentro de nós traz em si a chave do processo da vida, e seja em idade ou em sentimento, seja brincando nas ruas de pequenos municípios de Santa Catarina ou na urbanidade de São Paulo, sabem como ninguém dos movimentos de avanço e recuo no nosso caminho da individuação.

Pedindo licença à vida e à morte, à Puer e à Senex, termino com um trecho de um poema de Fernando Pessoa, ou, mais especificamente, seu heterônimo Alberto Caeiro, que presta uma homenagem à criança. Que venha certo como o Cavalinho, lãe o boi e o leve com alegria. O poema diz assim:

A Criança Nova que habita onde vivo  
Dá-me uma mão a mim  
E a outra a tudo que existe  
E assim vamos os três pelo caminho que houver,  
Saltando e cantando e rindo  
E gozando o nosso segredo comum  
Que é o de saber por toda a parte  
Que não há mistério no mundo  
E que tudo vale a pena.

A Criança Eterna acompanha-me sempre.  
A direção do meu olhar é o seu dedo apontando.  
O meu ouvido atento alegremente a todos os sons  
São as cócegas que ele me faz, brincando, nas orelhas.

Damo-nos tão bem um com o outro  
Na companhia de tudo  
Que nunca pensamos um no outro,  
Mas vivemos juntos e dois  
Com um acordo íntimo  
Como a mão direita e a esquerda.



## VITRINE

**DIVULGUE:**

PRIMEIRA VERSÃO  
NA INTERNET

<http://www.unir.br/~primeira/index.html>

Consulte o site e leia os artigos publicados

*Por duas noites seguidas  
eu vi o meu próprio fantasma.  
Não me disse nada,  
não me pôs os olhos  
em cima do corpo,  
não tossiu nem filosofou,  
não trazia armas,  
não vestia roupas,  
não carregava livros.  
Passou por mim  
algumas vezes  
e antes que eu  
oferecesse um cigarro  
atravessou o vazio  
e mergulhou no segredo.  
Na terceira noite  
eu fui visitá-lo.*

CARLOS MOREIRA